VIDA ACADEMICA

ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS

A Academia Cearense de Letras, fundada em Fortaleza a 15 de agosto de 1894, com o nome de *Academia Cearense*, por Guilherme Studart (Barão de Studart), Tomaz Pompeu, Pedro de Queiroz, Valdimiro Cavalcante, Raimundo de Arruda, Alvaro Mendes, Farias Brito, Antonio Augusto de Vasconcelos, José Carlos Júnior, Virgílio de Morais, J. Fontenele, José de Barcelos, Antonio Bezerra, Alves Lima, Drumond da Costa, Eduardo Studart, Adolfo F. Luna Freire, Eduardo Salgado, Alcantara Bilhar, Franco Rabelo, Benedito Sidou, Antonino Fontenele, Antonio Teodorico da Costa, Alvaro de Alencar, Padre Valdivino Nogueira, Henrique Théberge e Justiniano de Serpa, é a mais antiga das instituições congêneres existentes no Brasil e a mais alta entidade literária do Ceará.

Desde a sua fundação, há quase sessenta anos, vem o venerando sodalício prestando inestimáveis serviços ás belas artes e á cultura científica da Terra da Luz, inclusive com a publicação da sua famosa *Revista*, aparecida em 1896 e considerada desde os primeiros números uma das mais importantes do país.

Forti nihil difficile — é o lema da nobre Companhia que, talvez por fidelidade á divisa de Lord Beaconsfield, tem sobrevivido a todas as borrascas e continua a ocupar o lugar que lhe compete, por valor e tradição, e a cobrir-se de glórias.

Nos últimos anos, a Academia Cearense, processada a sua fusão com a Academia de Letras do Ceará, prosseguiu na tarefa iniciada, não desmentindo o seu passado ilustre. Fiel ao espírito criador dos seus fundadores, elaborou, por intermédio de uma comissão composta dos academicos Tomaz Pompeu Sobrinho, Hugo Catunda e Manuel Albano Amóra, e de que foi relator o primeiro, o plano de uma *Enciclopédia Cearense*, obra monumental e de grande utilidade. Associou-se á justa alegria dos patrícios de Vitor Hugo pela decorrência do bi-milenário de Paris, enviando á Academia Francesa uma bela mensagem de felicitações, escrita no próprio idioma daquela nação. Ampliou a sua biblioteca, que foi acrescida dos livros que pertenceram ao historiador Hugo Vitor, por doação do Governo do Estado. Instalou-se em nova séde provisória, á rua 24 de Maio n. 436 (Casa de Tomaz Pompeu), por gentileza do Instituto do Ceará. Comemorou, de modo brilhante, a

passagem dos centenários de Justiniano de Serpa, Tomaz Pompeu, Antonio Martins, Antonio Augusto de Vasconcelos, Rodolfo Teófilo e F. B. de Paula Pessoa, falando, sôbre esses notaveis brasileiros, Hugo Catunda, Carlyle Martins, Martins Filho, Mario Linhares e Jáder de Carvalho. Promoveu a realização de magnifica conferência, a cargo de Fernandes Távora, a respeito de dois poetas da Bahia. Tomou parte nos concursos literários instituidos pela Prefeitura Municipal, enviando representantes a esses certames, como julgadores. Recepcionou os escritores Gustavo Barroso, Pedro Calmon, Temístocles Brandão Cavalcante, Barreto Campelo e Clóvis Monteiro, havendo os dois primeiros proferido conferências memoráveis. Reformou os Estatutos sociais, neles introduzindo alterações consideradas necessárias, e votou novo Regimento Interno. Elegeu vários sócios correspondentes, figuras de projeção nacional e do Estado, e escolheu para o quadro de sócios efetivos os consagrados escritores João Climaco Bezerra e José Valdivino de Carvalho, empossados a 27.6.1953 e 15.8.1953, respectivamente.

O quadro de sócios efetivos, estes precedidos dos patronos das cadeiras, é atualmente o seguinte:

Cadeira nº 1 — patrono Adolfo Ferreira Caminha, ocupante Sidney Neto

Cadeira nº 2 — patrono Álvaro Dias Martins, ocupante Luís Sucupira

Cadeira nº 3 — patrono Antonio Augusto de Vasconcelos, ocupante Antonio Martins Filho

Cadeira nº 4 — patrono Antônio Bezerra Menezes, ocupante Raimundo Girão

Cadeira nº 5 — patrono Antonio Papi Júnior, ocupante Fran Martins

Cadeira nº 6 — patrono Antônio Pompeu de Souza Brasil, ocupante Tomaz Pompeu Sobrinho

Cadeira nº 7 — patrono Clóvis Bevilaqua, ocupante Mário Linhares

Cadeira nº 8 — patrono Domingos Olimpio Braga Cavalcante, ocupante Fernandes Távora

Cadeira nº 9 — patrono Fausto Carlos Barreto, ocupante João Climaco Bezerra

Cadeira nº 10 — patrono Gonçalo Inácio de Loiola e Albuquerque Melo Mororó (Pe.), ocupante Abelardo F. Montenegro

Cadeira nº 11 — patrono Guilherme Studart (Barão), ocupante José Valdivino de Carvalho

Cadeira nº 12 — patrono Heráclito de Alencastro Pereira da Graça, ocupante Natanael Cortez

Cadeira nº 13 — patrono Jeronimo Tomé da Silva (Dom), ocupante Pe. Dr. Misael Gomes

Cadeira nº 14 — patrono João Brígido dos Santos, ocupante Jáder de Carvalho

Cadeira nº 15 — patrono João Capistrano de Abreu, ocupante Braga Montenegro

Cadeira nº 16 — patrono João Franklin da Silveira Távora, ocupante Joel Linhares

Cadeira nº 17 — patrono Joaquim de Oliveira Catunda, ocupante Renato Braga

Cadeira nº 18 — patrono José Cardoso de Moura Brasil, ocupante Otávio Lobo

Cadeira nº 19 — patrono José d'Abreu Albano, ocupante Martinz de Aguiar

Cadeira nº 20 — patrono José Liberato Barroso, ocupante Clodoaldo Pinto

Cadeira nº 21 — patrono José Martiniano de Alencar, ocupante Filgueiras Lima

Cadeira nº 22 — patrono Justiniano de Serpa, ocupante Alba Valdez

Cadeira nº 23 — patrono Juvenal Galeno da Costa e Silva, ocupante Henriqueta Galeno

Cadeira nº 24 — patrono Livio Barreto, ocupante Gastão Justa

Cadeira nº 25 — patrono Manoel de Oliveira Paiva, ocupante Carlyle Martins

Cadeira nº 26 — patrono Manoel Soares da Silva Bezerra, ocupante Andrade Furtado

Cadeira nº 27 — patrono Manoel Soriano de Albuquerque, ocupante Adonias Lima

Cadeira nº 28 — patrono Mário da Silveira, ocupante Julio Maciel

Cadeira nº 29 — patrono Paulino Nogueira Borges da Fonseca (Vaga)

Cadeira nº 30 — patrono Raimundo Antônio da Rocha Lima, ocupante Josaiá Linhares

Cadeira nº 31 — patrono Raimundo de Farias Brito, ocupante Leite Maranhão

Cadeira nº 32 — patrono Raimundo Ulisses Pennafort, ocupante José Valdo Ribeiro Ramos

Cadeira n 33 — patrono Rodolfo Marcos Teófilo, ocupante Perboyre e Silva

Cadeira nº 34 — patrono Samuel Felipe de Sousa Uchôa, ocupante Dolor Barreira

Cadeira nº 35 — patrono Tomaz Pompeu de Sousa Brasil, ocupante Livino de Carvalho

Cadeira nº 36 — patrono Tomaz Pompeu de Sousa Brasil (Senador), ocupante Hugo Catunda

Cadeira nº 37 — patrono Tomaz Pompeu Lopes Ferreira, ocupante Manoel Albano Amóra

Cadeira nº 38 — patrono Tiburcio Rodrigues, ocupante Menezes Pimentel

Cadeira nº 39 — patrono Tristão de Alencar Araripe Junior, ocupante Cruz Filho

Cadeira nº 40 — patrono Vicente Candido Figueira de Saboia (Visconde), ocupante Tomaz Pompeu Filho.

Sócio honorário: Gustavo Barroso.

Sócios correspondentes especiais: — Adauto de Alencar Fernandes, Abner Carneiro Leão de Vasconcelos, Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde), Beni Carvalho, Belarmino Austregésilo de Ataíde, Carlos Studart Filho, Carlos de Oliveira Ramos, Djacir Menezes, Ermínio de Araujo e Silva, Elias Malmann, Faustino Nascimento, Francisco de Alencar Matos, Gaston Figueira, Gastão Bettencourt, Heitor Marçal, Hildebrando Acioli, Ildefonso Albano, José Carlos de Matos Peixoto, Joaquim Máximo de Carvalho Júnior, José Martins Rodrigues, Joaquim Momeira de Sousa, Júlia Galeno, Kerginaldo Cavalcante de Albuquerque, Luiz da Camara Cascudo, Mozart Firmeza, Martins de Alvarez, Pedro Calmon, Raimundo Amora Maciel, Raimundo do Monte Arrais, Raimundo de Menezes, Teodoro Cabral e Tancredo Morais.

Sócios correspondentes: — Augusto Linhares, Alfredo Severo de Sousa, Afonso Costa, Antônio de Sales Campos, Ári Martins, D. Antonio de Almeida Lustosa, D. Augusto Álvaro da Silva, Arnaud Ferreira Baltar, Afonso Lopes Vieira, Antônio Correia de Oliveira, Padre Antônio Gomes de Araujo, Bruno Barbosa, Clóvis Monteiro, Candido Jucá Filho, Carlos Sá, Cesar Carneiro Leão de Vasconcelos, Eduardo Studart, Edgard Arruda, Assis Chateaubriand, Francisco de Assis Bezerra Filho, Gilberto Freire, Herman Lima, Henri Allorge, Irineu Pinheiro, José Américo de Almeida, Padre José Correia, D. José Tupinambá da Frota, João Pinheiro, José de Castro Monte, Joaquim Pimenta, Luiz Prado Ribeiro, Mozart Monteiro, Maura da Serra Pereira, Oton Costa, Pedro Firmeza, Pompeu Pequeno de Sousa Brasil, Phileas Lebasque, D. Pedro Henrique de Orleans e Bragança, Raul de Azevedo, Raul de Siqueira Xavier, Sebastião Moreira de Azevedo, Sebastião Pagano (Conde de S. Sérgio), Temístocles Brandão Cavalcante, Virgilio Barbosa e monsenhor João da Matha Paiva.

Os esforços da Academia têm recebido ultimamente provas de reconhecimento, por parte de destacados representantes do poder público. O Governador Raul Barbosa fez-lhe a doação acima referida, em nome do seu governo. O Prefeito Paulo Cabral de Araujo, como chefe do poder executivo

do município desta capital, concedeu-lhe um auxilio para a publicação da Revista. Na Camara Alta da República, o Senador Onofre Muniz Gomes de Lima reservou-lhe outro auxílio, no orçamento vigente. Na Assembléia Legislativa, o acadêmico e deputado Renato Braga tomou a iniciativa de apresentar um projeto, ora convertido em Lei N. 1.724, de 22 de Dezembro de 1952, publicada no Diario Oficial de 31 do mesmo mês e ano, concedendo-lhe valiosa importancia para seus serviços de impressão.

Nos dias pretéritos com o Barão de Studart e Tomaz Pompeu, ha pouco tempo orientada por Antonio Sales e Martinz de Aguiar e hoje presidida por Dolor Barreira, a Academia Cearense de Letras é um dos justos títulos de orgulho do berço natalicio de Alencar.

LEI N. 1.724, de 22 de Dezembro de 1952

Concede o auxílio de quarenta mil cruzeiros (Cr$ .. ... 40.000,00) ás entidades que indica e dá outras providencias.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ

Faço saber que a Assembléia Legislativa decretou e sanciono e promulgo a seguinte lei:

Art. 1° — Fica concedido o auxílio da importancia de quarenta mil cruzeiros (Cr$ 40.000,00) á Academia Cearense de Letras e á Academia Sobralense de Estudos e Letras, sendo vinte mil cruzeiros (Cr$ 20.000,00) para cada uma, para seus serviços de impressão.

Art. 2° — Fica o Chefe do Poder Executivo autorizado a abrir, ao orçamento vigente, o crédito especial da importancia de quarenta mil cruzeiros (Cr$ 40.000,00) destinado ao pagamento do auxilio de que trata o artigo primeiro desta lei.

Paragráfo Unico — O crédito de que trata o artigo antecedente terá vigência neste e no exercicio de 1953.

Art. 3° — O auxilio de que trata a presente lei será pago a cada uma das entidades a que se destina, de uma só vez, mediante requerimento dirigido ao Chefe do Poder Executivo pelos seus respectivos representantes legais.

Art. 4° — A presente lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PALACIO DO GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, em Fortaleza, aos 22 de Dezembro de 1952.

RAUL BARBOSA
CARLOS BARBOSA

(publicado no Diário Oficial de 31.12.52)

M. A. A.

RELATORIO DE CLODOALDO PINTO APRESENTADO A' ACADEMIA CEARENSE DE LETRAS, EM 10-5-1951

Incumbido pela Academia Cearense de Letras, na sua sessão de 10 de Abril de 1951, de fazer o relatório dos trabalhos da Comissão nomeada para, juntamente com a Comissão designada pela Academia de Letras do Ceará, estudar o modo e sugerir as providencias necessárias á fusão das duas sociedades, de acordo com o que ficara resolvido a respeito, venho neste ensejo, dar cumprimento ao encargo que me foi cometido.

No dia 24 de Abril do corrente ano, ás 19,30 horas, na Casa de Juvenal Galeno, presentes os Drs. Dolor Barreira, Joel Linhares e Clodoaldo Pinto, pela Academia Cearense de Letras, e João Perboyre e Silva, Henriqueta Galeno e Manoel Albano Amóra, pela Academia de Letras do Ceará, foram iniciados os trabalhos.

A primeira das aludidas comissões verificou que de ambas as entidades muitos sócios se encontram afastados, por estarem residindo fóra do Estado, motivo por que se manifestou no sentido de se proceder a uma ligeira alteração dos estatutos da Academia Cearense de Letras, com o acrescimo de um parágrafo único ao art. 3º, que poderá ser assim redigido:

> § Unico — "Serão tambem considerados sócios correspondentes os sócios efetivos que, em caráter permanente, passarem a residir fóra do Estado, os quais gozarão, entretanto, de todos os direitos de efetivos quando estiverem presentes na cidade em que a socidade tem a sua séde".

Opinou ainda que o preenchimento das cadeiras atingidas pelo parágrafo citado, fôsse feito pelos membros efetivos da Academia de Letras do Ceará residentes nesta Capital, devendo os sócios desta última sociedade, que não mais residem em Fortaleza, passar á categoria de correspondentes.

A Comissão da Academia de Letras do Ceará declarou aceitar de bom grado a denominação tradicional de Academia Cearense de Letras.

Pelo exposto, devem ser feitas as seguintes alterações no quadro social da Academia Cearense de Letras:

Passarão á categoria de *socios correspondentes* da Academia Cearense de Letras:

a) Os atuais sócios efetivos da Academia Cearense de Letras:
Erminio Araujo e Silva
Raimundo Amóra Maciel
José Carlos de Matos Peixoto
Joaquim Maximo de Carvalho Junior
Elias Malmann

Carlos Studart Filho
Adauto Fernandes
Teodoro Cabral
José Martins Rodrigues
Mozar Firmeza
Raimundo do Monte Arrais
Benedito Augusto Carvalho dos Santos;

b) Os atuais sócios efetivos da Academia de Letras do Ceará:

Aldo Prado
Martins d'Alvarez
Abner de Vasconcelos
Faustino Nascimento
Joaquim Moreira de Souza
Kerginaldo Cavalcante
Tancredo de Morais
Julia Galeno
Heitor Marçal.

Passarão a *sócios efetivos* da Academia Cearense de Letras os atuais sócios efetivos da Academia de Letras do Ceará:

1—Adonias Lima
2—Francisco de Menezes Pimentel
3—Francisco de Alencar Matos
4—Henriqueta Galeno
5—João Perboyre e Silva
6—José Valdo Ribeiro Ramos
7—Hugo Catunda
8—Livino de Carvalho
9—José Leite Maranhão
10—Manoel Albano Amóra
11—Gastão Justa
12—José Vicente Sidney Netto

Nenhuma alteração precisará fazer no número legal de sócios efetivos.

Os novos membros efetivos da Academia Cearense de Letras deverão ser assim considerados logo que seja aprovado o presente relatório.

Era o que me cumpria relatar.

Sala das sessões da Academia Cearense de Letras, em Fortaleza, aos 10 de Maio de 1951.

MENSAGEM ACADEMICA

Palavras proferidas pelo acadêmico Mário Linhares como representante da Federação das Academias de Letras do Brasil, na sessão magna da Academia Cearense de Letras, em 15 de Agosto de 1951.

A Federação das Academias de Letras do Brasil, accedendo ao honroso convite que lhe fez a Academia Cearense de Letras, vem, por meu intermédio, trazer-lhe a sua mensagem de solidariedade e regosijo, por motivo de se fundirem a *Academia de Letras do Ceará* e a *Academia Cearense de Letras*, esta a mais antiga das instituições congêneres existentes em nosso país, nascida sob a égide tutelar do Barão de Studart, de imperecível memória.

Éste acontecimento abre ás letras cearenses um advento auspicioso porque congrega energias dispersas que lhe renovam o animo e o estusiasmo para prosseguir na marcha resoluta dos destinos gloriosos.

A finalidade precípua da *Federação* é exatamente a de reunir as inteligências no sentido da unidade espiritual do Brasil.

E' preciso que todos os espíritos se unam, tocados de patriotismo, a fim de que a nossa pátria forme um todo organico e homogênio, vibrando melhor e mais intensamtnte, na comunhão dos mesmos sentimentos e aspirações.

Essa confraternização é que liga os elos da cadeia imensa, de molde a que todos os brasileiros se conheçam, se amem e tomem parte na grande obra de construção nacional.

Inaugurando a *Academia Brasileira*, disse Machado de Assís: — "O nosso desejo é conservar, no meio da federação politica, a unidade literária".

O pensamento do mestre revive, expande e procura, na constancia dos nossos esforços, a sua objetividade definitiva, dentro do mais sadio espírito de brasilidade.

A este respeito, a *Federação* já muito fez pelas nossas letras, mostrando — como disse Jônatas Serrano, numa das nossas mais memoráveis sessões, — que "a verdadeira cultura aproxima, não divide" e que "a alegria do convívio intelectual fixa o valor da significação humana das letras".

Nessa bendita cruzada de congraçamento, tem a *Federação* exercido papel preeminente como órgão centralizador capaz de realizar a união sagrada de todo o Brasil no amor das suas tradições, dos seus homens, das suas obras, da suas crenças, dos seus anelos e esperanças no futuro.

Sim. A cultura liga toda a humanidade, através de povos, cidades e eras, conduzindo-a a Deus.

"São os homens de letras — afirma Eça de Queiroz — que dão a um país o seu posto e o seu valor na civilização".

Para compor a imagem de um Brasil maior, procuramos, através das Academias filiadas, por meio de congressos, conferências, a Revista e outras publicações, focalizar a vida subterranea dos emparedados na Província, para, vencendo o silencio e a distancia, criar um ambiente comum onde todos respirem livremente, num rítmo perfeito de simpatia, animados do mais sincero sentimento de solidariedade.

Assim é que formamos uma corrente de mais de oitocentos legionários da inteligência de todos os recantos do nosso país, numa concentração intelectual que suscita os melhores aplausos.

Vê-se, portanto, o antigo desejo da *Federação* em conciliar as duas Academias cearenses, fundindo-as no mais nobre amplexo de camaradagem.

"Os acadêmicos cearenses deviam seguir o mesmo exemplo, por amor à nossa terra, com mútua compreensão, a fim de que se forme alí um bloco uno, forte e indestrutível".

Felizmente, tudo se fez, de fórma digna e cordial, para que, hoje pudéssemos assistir a uma das nossas mais encantadoras festas literárias.

O Ceará, pela contribuição magnífica dada ás letras nacionais, figura em posição conspícua nos fastos da nossa história.

Daqui saiu o melhor contingente de valores que formaram o gênio da nossa raça.

Dentro mesmo do círculo das suas rudes condições mesológicas, a alma deste povo como que vive da vibração de um grande sonho interior, de um puro ideal de Beleza, que a eleva acima da sua atormentada existencia material.

Fustigada pelos mais duros revezes, o seu animo não se abate; antes, retemperada na Dor, rejuvenece na esperança risonha para continuar a sua púgna heróica.

Sem falar das conquistas e reivindicações cívicas e sociais, é no terreno das idéias, ainda mais particularmente, que este excelso rincão brasileiro tem dado de si os mais vivos sinais de valia.

Aí está a constelação dos filhos mais ilustres — poetas, romancistas, artistas, pensadores e filósofos — que se irradiou por todo o continente, abrindo rútilos caminhos ás novas gerações.

Assim, é que a Terra da Luz se aparelha para caminhar, com a galhardia de sempre, com o fulgor do sol que nos abrasa, na vanguarda de todos os movimentos culturais que forjam a grandeza da Nacionalidade.

E o filho ausente, que curtiu mais de vinte anos de saudade, mas, sempre de coração voltado para as plagas natais, guardando no fundo do seu sêr a paisagem familiar dos verdes mares bravíos e essas praias, ensombradas de coqueiros onde passou os brincos infantís, — sente, ao regresso, no transporte da emoção, a maior das alegrias, que é por assim dizer, glória e redenção para a sua alma de cearense.

Assim, bendigo a fortuna de ser o portador das saudações da *Federação das Academias de Letras do Brasil* ao nosso estremecido Ceará.

MARIO LINHARES

UMA MENSAGEM DO PRESIDENTE SERPA

E' de inteira oportunidade a reprodução aqui da Mensagem que o ilustre Presidente do Ceará Justiniano de Serpa dirigiu á Assembléia do nosso Estado, solicitando autorização para adquirir um prédio para séde da nossa Academia. Foi publicada no "Correio do Ceará", em 22 de Março de 1920:

"Paiácio da Presidência, 16 de Outubro de 1922.

Exmo. Sr. Presidente e demais membros da Assembléia Legislativa:

A Academia Cearense de Letras, que se recompôs com elementos de valor intelectual notório, realizou sua instalação oficial no dia 8 do mês próximo findo, em comemoração do primeiro centenário da independência nacional.

Coube-me a honra de presidir ao ato que esteve realmente, solene, e, testemunhando-o, tive a impressão de estar o Ceará a escrever, em frases luminosas, logo ao primeiro dia do segundo século da nossa emancipação política, uma formosíssima página da sua história.

Fêz a exposição dos altos objetivos da sociedade o seu ilustre Presidente, dr. Tomaz Pompeu de Sousa Brasil, que produziu um trabalho verdadeiramente notável.

Pelo rumo que ali traçou á ilustre Companhia, ficou patente que tem esta a elevada, a patriótica, a enobrecedora tarefa de dirigir e incentivar o movimento das letras, das ciências e das artes no Ceará, de honrar e defender as nossas tradições, de zelar e engrandecer o nosso nome, de prestar homenagens aos grandes vultos da nossa história, de nacionalizar, mais e mais, a nossa literatura, sem deixar de manter e acentuar o cunho regional de certas produções dos nossos novelistas e poetas, em suma, de orientar e desenvolver a nossa vida intelectual, desnudando-lhe horizontes novos na direção do futuro.

Não pode haver missão mais digna de aplauso e incitamento.

Em toda a parte as sociedades dêsse gênero desfrutam grande estima e recebem dos poderes públicos apôio e auxilios.

A influência salutar que exercem no espírito do agrupamento político, a resistência que oferecem aos elementos de dissolução social, os estímulos que proporcionam á mocidade, incitando-a ao labor mental, á glorificação das letras, ao culto da pátria e dos grandes homens, á disciplina da inteligência e do caráter são serviços de valor inestimável que se impõe facilmente ao aprêço e reconhecimento da coletividade.

Entre nós a Academia de Letras tem uma grande missão a desempenhar.

Agremiando algumas dezenas de inteligências de escol, aprimoradas umas, desejosas de se aperfeiçoar outras, mas todas possuidas do vívido estusiasmo de dar ao Ceará uma fase promissora de renovação intelectual e reflorescimento literário, caberá á Academia, principalmente, guiar e adestrar os espíritos na conquista do belo e da verdade, afeiçoá-los ao estudo do nosso meio, ás belezas do nosso idioma, ao gôsto da vernaculidade e, por derradeiro, ao trabalho de "lima", ao "lavor artístico", em uma palavra, aos cuidados da fórma, sem os quais não há obra que possa resistir á ação do tempo.

Será, como é fácil compreender, um grande serviço á nossa terra, á nossa civilização e á nossa língua.

Considero, pois, acertado, utilíssimo prestar • Estado á douta associação de homens de letras o concurso de que possa carecer para realizar os nobres e patrióticos objetivos do seu programa.

Teve já essa ilustre Assembléia a feliz iniciativa de a declarar de utilidade pública. E' um honroso encarecimento á sua ação benfaseja e nobilitante.

Penso, porém, que conviria tornar mais eficiente e prática a colaboração do Estado.

Assim, tenho a honra de propor que a Assembléia Legislativa autorize o Poder Executivo a adquirir um prédio em que possa celebrar suas sessões a Academia de Letras, doando-o sob a condição de voltar ao patrimônio do Estado, caso ela deixe de existir, ou lhe dar o destino indicado no contrato.

Nesse prédio poderão funcionar, com aquiescência da Academia, outras sociedades congêneres, como o Instituto Histórico do Ceará, a Associação de Imprensa, e assim, concorreremos para o desenvolvimento das ciências, das letras e das artes, objetivo bem digno da solicitude e carinho do Poder Legislativo.

Saudações atenciosas
Justiniano de Serpa

FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS DE LETRAS DO BRASIL

Na execução da grande obra em fávor da unidade espiritual da nossa pátria esta conspícua instituição ocupa o primeiro plano, pelo muito que tem feito para congraçar e fortalecer culturalmente o nosso país.

Já tem um admiravel acervo de realizações no sentido da união da inteligencia brasileira, por meio de congressos, conferências, sua magnífica Revista e outras publicações, que atestam a elevação dos seus propósitos patrióticos.

No seu intenso e profícuo labor, leva ás nossas Academias de Letras a palavra de entusiasmo e animação, para que todos concorram para a formação de uma consciência nacional, com o pensamento único da grandeza pátria.

Na sua presidência tem passado figuras do porte de Alcides Maya, General Sousa Doca, Carlos Xavier, Monte Arrais, Noraldino Lima, Raul Machado, Othon Costa e Florêncio de Abreu.

A Academia Cearense de Letras muito se apraz de enviar-lhe a sua mensagem de aplauso e solidariedade.

A sua atual Diretoria e demais órgãos administrativos e técnicos, eleitos para 1953, estão assim constituidos:

DIRETORIA: Presidente — Desembargador Florêncio de Abreu, Vice-Presidente — Desembargador Carlos Xavier de Paes Barreto, 1° Secretário — Mário Linhares, 2° Secretário — Petrarca Magalhães, Tesoureiro — Cristino Castelo Branco, Bibliotecário — Alfredo de Assis Castro, Diretor da Revista — Othon Costa.

COMISSÃO DE CONTAS: — Carlos Garrido, Moura Júnior e Benedito Vasconcelos.

CONSELHO CONSULTIVO: — Raul Machado, Othon Costa, Virgílio Correa Filho, Carlos Xavier, Raul de Azevedo, Alfredo de Assis Castro e Maurício de Medeiros Furtado.

COMISSÕES TÉCNICAS: — *Comissão de Redação da Revista*: Mário Linhares, Raul de Azevedo e Edgard Resende. *Comissão de Intercâmbio Cultural*: Heitor P. Fróes, Modesto de Abreu e Carlos Garrido *Comissão de Filologia*: Lindolfo Gomes, Jacques Raimundo e Alfredo de Assis Castro. *Comissão de Bibliografia*: F. Sousa Brasil, De Paranhos Antunes e Prado Ribeiro. *Comissão de Folclore*: Basílio de Magalhães Francisco Leite e Eustórgio Wanderley.